

banco de dados comparativo inigualável de 237 cidades do mundo inteiro criado pelo Programa de Indicadores Urbanos do UN-Habitat para a Cúpula das Cidades Istambul + 5 de 2001<sup>4</sup>. E, por último, incorpora dados de pesquisas domiciliares globais que abrem novos caminhos ao incluir a China e o antigo bloco soviético. Os autores da ONU registram o seu débito específico a Branko Milanovic, economista do Banco Mundial pioneiro na utilização dessas pesquisas como microscópio poderoso para estudar a desigualdade global. (Em um dos seus artigos, Milanovic explica: “Pela primeira vez na história humana, os pesquisadores têm dados razoavelmente exatos sobre a distribuição de renda ou bem-estar [despesas ou consumo] de mais de 90% da população mundial”<sup>5</sup>.) Enquanto os relatórios da Mesa-Redonda Intergovernamental sobre Mudança Climática representam o consenso científico sem precedentes sobre os perigos do aquecimento global, *The Challenge of Slums* soa como alerta igualmente conclusivo sobre a catástrofe mundial da pobreza urbana.

Mas o que é *slum*, palavra inglesa que significa “favela”? A primeira definição de que se tem conhecimento foi publicada no *Vocabulary of the Flash Language* [Vocabulário da linguagem vulgar], de 1812, do escritor condenado à prisão James Hardy Vaux, no qual é sinônimo de *racket*, “estelionato” ou “comércio criminoso”<sup>6</sup>. No entanto, nos anos da cólera das décadas de 1830 e 1840, os pobres já moravam em *slums* em vez de praticá-los. O cardeal Wiseman, em seus textos sobre reforma urbana, recebe às vezes o crédito por ter transformado *slum* (“cômodo onde se faziam transações vis”) de gíria das ruas em palavra confortavelmente usada por escritores requintados<sup>7</sup>. Em meados do século XIX, identificavam-se *slums* na França, na América e na Índia, geralmente reconhecidos como fenômeno internacional. Os especialistas e diletantes debatiam onde a degradação humana era mais horrenda: Whitechapel ou La Chapelle, Gorbals ou Liberties, Pig Alley ou Mulberry Bend. Num estudo de 1895 sobre os “pobres das grandes cidades”, a *Scribner's Magazine* votou nos *fondaci* de Nápoles como “as mais apavorantes moradias humanas da face da Terra”, mas Gorki tinha certeza de que o famoso bairro Khitrov, em Moscou, era na verdade o

---

dice no final de *The Challenge of Slums*. Falta, contudo, o brilhante trabalho de Galal Eldin Eltayeb sobre Cartum, excluído, supõe-se, devido à sua caracterização do “regime islamita totalitário”.

<sup>4</sup> Ver *Challenge*, p. 245.

<sup>5</sup> Branko Milanovic, “True World Income Distribution, 1988 and 1993: First Calculation Based on Household Survey Alone”, artigo para discussão, Banco Mundial, Nova York, 1999, não pag.

<sup>6</sup> Prunty, *Dublin Slums*, p. 2.

<sup>7</sup> J. A. Yelling, *Slums and Slum Clearance in Victorian London* (Londres, Taylor and Francis, 1986), p. 5.

mais fundo”, enquanto Kipling ria-se e levava os seus leitores “mais fundo, mais fundo ainda” até Colootollah, “o mais vil de todos os esgotos” na “cidade da noite assustadora” de Calcutá<sup>8</sup>.

Essas favelas clássicas eram lugares pitorescos e sabidamente restritos, mas em geral os reformadores concordavam com Charles Booth – o Dr. Livingstone dos párias de Londres – que todas se caracterizavam por um amálgama de habitações dilapidadas, excesso de população, doença, pobreza e vício. É claro que, para os liberais do século XIX, a dimensão moral era decisiva e a favela era vista, acima de tudo, como um lugar onde um “resíduo” social incorrigível e feroz apodrecia em um esplendor imoral e quase sempre turbulento; na verdade, uma vasta literatura excitava a classe média vitoriana com histórias chocantes do lado negro da cidade. “Selvagens”, declamou o reverendo Chapin em *Humanity in the City* (1854), “não em florestas soturnas, mas sob a força das lâmpadas de gás e os olhos dos guardas; com os mesmos gritos de guerra e clavas, e trajes tão fantásticos e almas tão violentas quanto quaisquer de seus parentes nos antípodas”<sup>9</sup>. Quarenta anos depois, o novo Departamento do Trabalho dos Estados Unidos, na primeira pesquisa “científica” sobre a vida nos cortiços norte-americanos (*The Slums of Baltimore, Chicago, New York, and Philadelphia*, 1894), ainda definia *slum* como “uma área de becos e ruelas sujas, principalmente quando habitada por uma população miserável e criminosa”<sup>10</sup>.

### Um recenseamento global das favelas

Os autores de *The Challenge of Slums* descartam essas calúnias vitorianas, mas fora isso conservam a definição clássica da favela, caracterizada por excesso de população, habitações pobres ou informais, acesso inadequado a água potável e condições sanitárias e insegurança da posse da moradia. Essa definição operacional, adotada oficialmente numa reunião da ONU em Nairóbi, em outubro de 2002, está “restrita às características físicas e legais do assentamento” e evita as “dimensões sociais”, mais difíceis de medir, embora igualem-se, na maioria das circunstâncias, à marginalidade econômica e social<sup>11</sup>. Englobando tanto as áreas periurbanas pobres quanto o arquétipo dos cortiços das regiões decadentes do

<sup>8</sup> Robert Woods et al., *The Poor in Great Cities: Their Problems and What is Being Done to Solve Them* (Nova York, C. Scribner's Sons, 1895), p. 305 (*Scribner's Magazine*); Blair Ruble, *Second Metropolis: Pragmatic Pluralism in Gilded Age Chicago, Silver Age Moscow, and Meiji Osaka* (Cambridge, Cambridge University, 2001), p. 266-7 (Khitrov); Rudyard Kipling, *The City of Dreadful Night, and Other Places* (Allahabad/Londres, A. H. Wheeler, 1891), p. 71.

<sup>9</sup> Rev. Edwin Chapin, *Humanity in the City* (Nova York, DeWitt & Davenport, 1854), p. 36.

<sup>10</sup> Ver Carroll D. Wright, *The Slums of Baltimore, Chicago, New York, and Philadelphia* (Washington, 1894), p. 11-5.

<sup>11</sup> *Challenge*, p. 12-3.